



OLDONI, C.; FREITAS, C. E. Em preto e branco: saudade e nostalgia nos gêneros multimodais. **Revista Diálogos (RevDia)**, “Edição comemorativa pelo Qualis B2”, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018.

## **EM PRETO E BRANCO**

---

### **Saudade e nostalgia nos gêneros multimodais**

*En blanco y negro: anhelo y nostalgia en los géneros multimodales*

Cristiano Oldoni (UFFS)<sup>1</sup>

Ernani César de Freitas (UPF)<sup>2</sup>

*Revista*

177

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Doutorando em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). cristianooldoni@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Letras (PUCRS), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUCSP/LAEL); professor permanente do PPGL/UPF. ecesar@upf.br





**RESUMO:** A construção dos sentidos projetados pelos textos de gêneros multimodais está intimamente relacionada com o reconhecimento dos sofisticados recursos e associações intersemióticas mobilizadas na construção do texto. Nesses gêneros, a compreensão da discursivização de elementos da memória humana – a exemplo da saudade e da nostalgia – requer o resgate de projeções pontuais por meio de procedimentos metodológicos específicos, como propomos neste breve estudo. Para alcançar o objetivo de identificar a forma de semantização de tais elementos em ocorrências discursivas intersemióticas, tendo o preto e branco como forma cromática fundante da construção textual, temos como inspiração as contribuições de Lemke (2010), Cope e Kalantzis (2000), Jankélévitch (1974) e Lourenço (1999), na base teórica. A análise aponta para as decisivas colaborações que as intersemioses e a forma cromática específica analisada dão para a concretude de determinados aspectos da memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros multimodais; Preto e branco; Saudade; Nostalgia; Sentido.

**RESUMEN:** La construcción de los sentidos diseñados por los textos de géneros multimodales está estrechamente relacionada con el reconocimiento de los sofisticados recursos y asociaciones intersemióticas utilizadas en la construcción del texto. En esos géneros, la comprensión de la forma como se discursivizan los elementos de la memoria humana – a ejemplo del anhelo, de la nostalgia – requiere el rescate de proyecciones puntuales por medio de procedimientos específicos, como proponemos en ese estudio. Para alcanzar el objetivo de identificar la forma de semantización de los elementos citados en ocurrencias discursivas intersemióticas, considerando el blanco y negro como forma cromática fundamental de la construcción textual, tenemos como inspiración las contribuciones de Lemke (2010), Cope y Kalantzis (2000), Jankélévitch (1974) y Lourenço (1999), en el basamento teórico. El análisis apunta para las decisivas colaboraciones que las intersemioses y la forma cromática específica analizada dan a la concreción de determinados aspectos de la memoria.

**PALABRAS CLAVE:** Géneros multimodales; Blanco y negro; Anhelo; Nostalgia; Sentido.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da palavra, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inerentes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. É por isso que tantas mitologias, tendo de explicar que no início dos tempos alguma coisa pôde nascer do nada, propuseram como princípio criador do mundo essa essência imaterial e soberana, a Palavra. Não existe realmente poder mais alto, e todos os poderes do homem, sem exceção, decorrem desse. (BENVENISTE, 1991)*

É atraente a ideia de que, por meio do poder essencial da linguagem, podemos instituir ou renovar a realidade, e, em especial, fazer ressurgir tudo aquilo que já houve, transcorreu, marcou a trajetória de um povo ou mesmo – possivelmente com o mesmo valor – algumas vivências particulares, de teor amplamente subjetivo. Entretanto, se Benveniste (1991), na epígrafe deste texto, atribui à palavra o absoluto poder de





criação do mundo, as contemporâneas técnicas e tecnologias que permitem a renovação e remodelagem dos gêneros discursivos permitem-nos a inferência de que esse prestígio é extensivo a outras mídias, como representações sígnicas imagéticas e sonoras, difundidas e perpetuadas pelas intersemioses e pela já incontestável cibercultura.

Parece-nos, assim, incontestável a ideia de que a comunicação contemporânea encontra sólidos recursos de semantização na harmonização de planos de sentidos variados. Princípio constante dos gêneros hipermodernos, essa multiplicidade mostra-se em elementos como autorreferência, abundância de fontes nas construções discursivas, alteridade de centros referenciais, além de mecanismos absolutamente pontuais, como é o caso do emprego de formas cromáticas na concretização da linguagem intersemiótica.

Nesse cenário específico, a construção de sentidos ultrapassa uma percepção estética e vincula-se intimamente com uma ideia global de integração em que são valorizados e enobrecidos fragmentos da memória – em sentido estrito de reminiscência, lembrança, rememoração – postos lado a lado com o presente vivido em inéditas e incessantes construções perceptíveis a cada nova ação comunicativa. É considerando essa perspectiva que, no presente artigo, temos como questão norteadora o princípio de que por meio das associações de planos variados, os mais plurais sentidos são construídos em gêneros multimodais, inclusive na discursivização de elementos da memória, como a saudade e a nostalgia. A partir dessas demarcações referenciais, objetivamos identificar a forma de semantização de tais elementos em ocorrências discursivas intersemióticas, tendo o preto e branco como forma cromática fundante dessa construção.

O estudo aqui apresentado envolve pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica na análise de *corpora*, composto por um videoclipe musical, uma postagem em rede social e uma capa de revista e aponta para as decisivas colaborações que as intersemioses e a forma cromática específica que nos dispomos a analisar dão concretude a determinados aspectos da memória. Por isso, são base de nossa discussão as contribuições de Jankélévitch (1974) e Lourenço (1999) acerca da saudade e da





nostalgia; também representam forte inspiração as considerações de Lemke (2010) e de Cope e Kalantzis (2000) sobre multimodalidade.

Para dar forma à nossa proposta, estruturamos nosso estudo em três seções. No primeiro bloco de discussão teórica, procuramos caracterizar as práticas discursivas da alta modernidade por meio de gêneros multimodais; na sequência, aludimos especificamente à discursivização das sensações de saudade e nostalgia; já na terceira seção, colocamos em interface as considerações apontadas anteriormente, demonstrando a construção de sentido das noções a que a segunda seção alude em ocorrências intersemióticas, por meio de análise do *corpora*.

## **2. GÊNEROS MULTIMODAIS: O DIZER DA ALTA MODERNIDADE**

Cada vez mais, percebemos a pertinência e a relevância das contribuições de Bakhtin (2011) para a apreensão dos processos comunicativos contemporâneos. Se essa premissa valida a teoria dos gêneros discursivos através das décadas, também avaliza o tratamento das ocorrências de linguagem da alta modernidade – por meio das intersemioses – como legítimos gêneros do discurso.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2011, p. 262).

A complexificação dos processos discursivos contemporâneos – em que texto verbal, sons e imagens (estáticas ou em movimento) convivem em harmonia na projeção de sentidos – trouxe consigo, em caráter de exigência, uma comunicação que somente se torna eficaz nos engendramentos de planos de sentido diversificados: as intersemioses dão o tom do dizer, estimulam as possibilidades marginalizadas de expressão e promovem a veiculação da multiplicidade cultural.





Vivemos uma época em que a comunicação face a face convive e divide espaço com interação virtuais – também reais, não deixemos espaço outra interpretação – e, desse modo, todas as representações sígnicas da realidade, todas as semióticas e letramentos tornaram-se multimidiáticos porque possuem em si, para produzir significados, uma definida integração de códigos variados. O elo entre o sujeito e o mundo são dinâmicas colaborativas que, agora, requerem o emprego e o domínio de recursos de linguagem multimodais: estamos tratando dos multiletramentos, capacidades de integração às práticas sociais por meio da escrita, leitura e, especialmente, interação com (e por meio) de linguagens híbridas e mestiças.

Sobre essas habilidades potenciais, Lemke (2010, p. 457) enfatiza:

Um letramento é sempre um letramento em algum gênero e deve ser definido com respeito aos sistemas sígnicos empregados, às tecnologias materiais usadas e aos contextos sociais de produção, circulação e uso de um gênero particular. Podemos ser letrados em um gênero de relato de pesquisa científica ou em um gênero de apresentação de negócios. Em cada caso, as habilidades de letramento específicas e as comunidades de comunicação relevantes são muito diferentes.

Como práticas sociocomunicativas em esferas específicas de atividade, os letramentos são, então, específicos em gêneros postos em movimento a partir das necessidades de linguagem e interação. O que não se pode, em hipótese alguma, é ignorar a premissa de que multiletramentos estão relacionados com a multimodalidade semiótica, cultural e com o atendimento às exigências do processamento comunicativo da esfera a que se vincula.

As práticas de linguagem envolvem, então, a mobilização de recursos semióticos pontuais de acordo com as necessidades comunicativas do sujeitos em cada situação (COPE; KALANTZIS, 2008). Posto que a realidade discursiva pressupõe, hoje, a harmonização de planos de sentido diferentes na materialidade comunicativa, automaticamente o foco que residia na linguagem verbal passa a ser ampliado e volta-se para as intersemioses. Assim, mais que complementação ou sobreposição, os sentidos veiculados





pelos gêneros multimodais em situações específicas de comunicação multiplicam-se por meio das integrações e engendramentos dos variados planos semióticos disponíveis e pertinentes: tais planos podem ser percebidos como recursos culturais de geração de sentido.

Torna-se evidente, a partir disso, que a noção de texto também entra em reconfiguração, uma vez que está longe de ser representada apenas pela linguagem verbal escrita que, em si, possui arquitetura e padrões específicos. Entretanto, essa constatação é tão evidente quanto inquietante: discutir a insuficiência da linguagem verbal para a apreensão global de sentidos dos textos de gêneros multimodais implica a necessidade do reconhecimento das especificidades dos demais modos semióticos mobilizados na materialização dos gêneros e, assim, os desafios às competências discursivas dos sujeitos imersos nas práticas comunicativas contemporâneas tornam-se ainda mais intensos. É o caso do apreensão dos sentidos específicos projetados pelas formas cromáticas, o preto e branco como conjunto, pontualmente na alusão à saudade e à nostalgia, em especial do plano imagético da construção do texto, mote da seção que apresentamos na sequência.

### **3. SAUDADE E NOSTALGIA: A REPETIÇÃO E A ATUALIZAÇÃO DO DIZER**

Tratar de percepções, sensações e sentimentos imprimindo ao olhar um cunho científico é tarefa que exige de qualquer proposta trato cuidadoso e rigor metodológico, para que não se especule no campo do empirismo puro; ainda que essa linha possa parecer tênue e movediça, a produção científica de novos conhecimentos exige o estabelecimento de parâmetros e a fixação de algumas noções. Nesse sentido, dedicamos espaço em nossa escrita a breves considerações que podem auxiliar na construção conceitual de algumas noções situadas no campo recém-descrito: aludir à ideia de “saudade” e “nostalgia” implica não somente a apreensão de valores e





significados, mas o entendimento da forma como a discursivização de tais conceitos pode remeter a uma elaboração mais sólida de visões do passado, atualizações do presente e expectativas em relação às possibilidades de reviver experiências.

Em primeira instância, é interessante a reflexão que coloca saudade e identidade em íntima relação. A vivência do sentimento é um processo identitário: a um tempo sente-se e constrói-se uma história e uma identidade, acordo entre a lembrança e sua própria atualização em memória. Eduardo Lourenço, filósofo e ensaísta português, auxilia na empreitada que é a semantização da saudade. Segundo ele, “a saudade (que mais podia ser?) é apenas isto: a consciência da temporalidade essencial de nossa existência. Consciência carnal, por assim dizer, e não abstrata, acompanhada do sentimento sutil de sua irrealidade”. (LOURENÇO, 1999a, p. 33). A racionalização da própria existência humana, mensurando sua temporalidade e vinculando-a a uma compreensão física, carnal, leva, conseqüentemente, à percepção do processo de construção da identidade, subjetiva ou coletiva, na busca da reconstrução da história e das influências geradas pela sua própria atualização.

Entretanto, é o próprio estudioso que alerta: trazer o passado à memória “[...] não é nunca um ato neutro, mas essa regressão constitutiva da memória pode ser vivida apenas como simples alusão, mero sinal endereçado aos acontecimentos ou aos sentimentos que salpicam [...]”. (LOURENÇO, 1999b, p.13). As lembranças, as memórias e a rememoração do que já foi passam, assim, por um filtro absolutamente permeado de individualidade, que não permite uma alusão, de fato, ao que transcorreu, mas, de certa forma, às impressões e sensações relacionadas aos acontecimentos. É esse lugar de quem vê e reinterpreta a história que se torna uma espécie de marco para o entendimento da ideia de nostalgia.

Quando a imaginação de centralidade e a referência das próprias vivências atuais são transportadas para aquilo que já se viveu como forma de reverência, o que se percebe é a degradação do próprio presente em relação à memória, à nostalgia que se cultiva em relação ao passado. É dessa dinâmica que resulta a saudade, resultado de crises contemporâneas de





aceitação do atual. Em renomados estudos acerca dos dilemas relacionados ao modo de ser do povo de Portugal, Eduardo Lourenço expõe, dicotomicamente, grandeza e pequenez construídas a partir do imaginário dos portugueses, dando espaço à sua insistência em uma identidade irreal; a partir desse panorama, justificam-se os mitos pesarosos em torno de uma suposta realidade de honra, glória e coragem que, na verdade, não passa de ficção. Esse cenário permite e elucida, *a priori*, a constatação de que a literatura foi, com o decorrer dos séculos, o grande arquivo da necessidade de imaginação e nutrição dos mitos. A palavra ficcional, artisticamente trabalhada, hoje, divide espaço com renovadas mídias e modalidades de projeção de sentidos que compartilham a tarefa de guardar e perpetuar o vivido – talvez na expectativa de que esse atual torne-se, no futuro, objeto sensível de lembrança, rememoração e saudade.

Parece claro que o surgimento da nostalgia é movido pela disjunção temporal entre o que se vive e o já vivido, rememorado com a dor da distância e com a ânsia do reviver as mesmas experiências. A nostalgia alimenta a ideia de possibilidade de retorno ao passado para revivê-lo, por isso, mais que conservador, o nostálgico é a um reacionário: reage à irreversibilidade do tempo. Parece pertinente, então, observarmos que

[...] a nostalgia, sendo forma de fuga (escape) e corte do real, embeleza e suaviza o passado, pura e simplesmente. [...] Tudo o que passou é irremediavelmente belo: a velha canção, o relógio clássico, os brinquedos de antigamente, o velho álbum de família, o retrato da mãe ainda moça com roupa de domingo... Esse tempo aparentemente reencontrado é na verdade manipulado para que se esqueça o presente. (HOSOKAWA, 1994, p. 96).

Entretanto, a dor e o pesar desse sentimento não aludem apenas ao encobrimento da realidade por uma mistificação do passado, mascarando suas crises e conflitos. Existem, indubitavelmente, âncoras para sua recorrência: a nostalgia é provida de motivos e pontualmente determinada. Não apenas o distanciamento, no tempo e no espaço, daquilo que é dolorosamente lembrado justifica o sentimento, a sensação, mas também, e principalmente, a consciência humana sobre a própria finitude. Nossa humanidade envolve nossa própria condenação, a de um permanente estar







aqui, em um interminável agora. De acordo com Jankélévitch (1974, p. 346), essa nostalgia

[...] é uma melancolia humana tornada possível pela consciência, que é a consciência de alguma outra coisa, consciência de um outro lugar, consciência de um contraste entre passado e presente, entre presente e futuro. [...] A nostalgia é ao mesmo tempo aqui e lá, nem aqui nem lá, presente e ausente.

É essa mesma consciência, relacionada à dor do regresso impossível ao passado – mas de justificado desejo –, desvela a impossibilidade do retorno e produz, como consequência, a melancolia, processo em que a aceitação da perda e o desligamento não se efetivam, movimento potencialmente infinito que pressupõe a ideia de encerramento de ações no passado. Se admitimos que esse mesmo passado somente pode ser referido, lembrado, rememorado a partir de seu próprio acabamento, aceitamos também que, a partir do arremate, do encerramento do que já ocorreu, a vida e as pessoas – em sua própria prática existencial – mudam invariavelmente e o retorno é, então, impossível. Qualquer tentativa de regresso converte-se em nova partida, nova empreitada, nova experiência.

Saudade e nostalgia pressupõem a reconfiguração e a reinvenção do já vivido, são agência, são obra sem acabamento definitivo, em que a ilusão sempre persiste. No entanto, alguns traços permitem uma sutil diferenciação entre esses conceitos: como melancolia inquietantemente feliz, a saudade não reporta e não remete à dificuldade de completar o processo da perda e à necessidade do retorno ao que passou, peculiaridades da nostalgia que, em geral, demonstra-se como experiência em geral fracassada de recuperação do passado.

Assim, nessa relação do sujeito com a memória em que o passado sempre está em cena, as possibilidades de seu reuso são reiteradas e delineamentos nostálgicos fazem-se presentes. A nostalgia tem reflexo, nesse exercício de recuperação do já vivido, em traços semióticos variados que remetem a um discurso de permanente reiteração, de constante atualização do dizer ou mesmo de tentativa de repetição, ainda que frustrada. É justamente essa a dinâmica que resgatamos na seção que segue,





quando procedemos com o resgate das manifestações de saudade e nostalgia em gêneros multimodais contemporâneos.

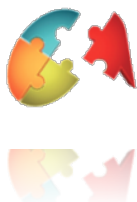
#### **4. EM PRETO E BRANCO, A REVERÊNCIA À SAUDADE E À NOSTALGIA**

Para exploração analítica do cenário exposto anteriormente, adotamos como metodologia deste estudo a identificação de seus tópicos semantizadores<sup>3</sup> (OLDONI, 2015) na reconstrução exploratória do sentido dos textos de gênero multimodal que nos servem de *corpora*, a saber, videoclipe musical, foto legendada em rede social e capa de revista. Elementos indispensáveis à leitura da multimodalidade e à construção real de sentidos dos mais variados gêneros, os tópicos semantizadores funcionam como roteirizadores da semantização, em que alguns itens tornam-se pontos aglutinadores de sentidos a serem resgatados. A partir de tal procedimento, no âmbito da análise das intersemioses e da manifestação da saudade e da nostalgia, procedemos com o levantamento de fatores nodais do resgate de sentido na materialidade em questão. Os princípios e elementos levantados com a análise permitirão nossas conclusões a respeito das alusões à saudade e à nostalgia em gêneros multimodais contemporâneos. Tais características serão retomadas e aglutinadas ao final da análise.

Para início de nossas considerações pontuais, reproduzimos, por meio da Figura 1 e como forma de elucidação, uma captura de tela representativa de um quadro do videoclipe *Cheap Thrills*, da cantora australiana Sia.

<sup>3</sup> A noção de “tópico semantizador” foi por nós proposta e explorada em trabalho anterior, intitulado “Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais”, e demonstra-se, conforme entendemos, suficientemente produtiva para a análise aqui empreendida. Além disso, essa noção é ponto nevrálgico para nossa Tese de Doutorado, da qual este artigo é parte preliminar e integrante.





**Figura 1.** Alusão ao videoclipe musical *Cheap Thrills*



**Fonte:** YouTube (2017)

A dinâmica de resgate de sentidos projetados por um texto multimodal só é possível por meio da leitura da globalidade dos signos que o compõem. A partir dessa premissa, aceitamos que, além de sentidos, compreendidos, analisados e percebidos, palavras, imagens e sons podem também ser lidos. E essa leitura implica, necessariamente, interação. Conforme é perceptível, cada vez mais a ideia de multiplicidade mostra-se atual e pertinente. Além de estar presente quando nos referimos a fontes, fragmentos, culturas e plataformas, também está relacionada com a pluralidade do universo de signos que dão sua parcela de contribuição à linguagem multimodal. Assim, a partir dos pressupostos metodológicos que propusemos no início desta seção, é conveniente que abordemos, para a exploração do videoclipe aqui focado, sua esfera de comunicação específica. O videoclipe musical *Cheap Thrills* está disponibilizado ao público no *site* de compartilhamento de vídeos YouTube e alcançou impressionantes 1 bilhão de visualizações<sup>4</sup>. Dessa maneira, os assinantes do *site* e espectadores do vídeo - leitores desse texto - configuram-se como um público específico, possivelmente interessados em tal leitura relacionada ao domínio do entretenimento, como esfera específica de comunicação.

Em íntima relação com tal esfera de comunicação, veiculam-se e colocam-se em movimento discursivo determinados aspectos axiológicos

<sup>4</sup> Número de visualizações do videoclipe até o momento da escrita deste artigo. Essa abrangência justifica, inclusive, sua escolha para constituição do *corpora* do estudo.





construídos com a leitura. Nessa atribuição de valores do discurso por meio do gênero em análise, consideramos plausível que o resgate de seus tópicos aconteça em comunhão com a exploração dos recursos de /Engendramento semiótico/ que promovem a multimodalidade e revelam interessantes elementos referentes ao mote sobre o qual nos dispusemos a refletir, saudade e nostalgia.

As /Harmonizações de planos de sentido variados/ – envolvendo texto verbal, sons e imagens estáticas e em movimento – são constituintes naturais e elementos centrais da textualidade em questão e não concebemos seu isolamento para análise, embora algumas significações possam ser resgatadas especificamente, conforme veremos ainda nesta seção.

Preliminarmente, é necessário que atentemos para a premissa de que, no resgate do sentido global do gênero em análise, alguns aspectos oferecem atrativos bastante pontuais: é o caso do /Deslocamento temporal/<sup>5</sup> para o balizamento da enunciação interna do filme na década de 1960, em que existe a /Reconstrução/ de um típico concurso de dança televisionado da época. Tal tipicidade é amplamente marcada por detalhes que estimulam a /Ambientação/ do centro discursivo em outro tempo, em outra época, em que, por exemplo, a focalização das próprias imagens é apresentada como a de televisores antigos, com arredondamento nos cantos, e o som apresenta ruídos característicos.

Outros pontos também chamam a atenção do leitor-espectador na /Reutilização/ do programa de televisão retrô: reprodução de figurino, penteados, ambiente de estúdio, presença de câmeras para suposta transmissão do concurso como réplicas da TV dos anos 1960, microfones, apresentador, auditório, disco de vinil, legendas ao pé da tela, entre tantos outros. É relevante também a entrevista com uma participante da plateia, o que antecede o início da canção: nesse momento, expectativa, apreensão, nervosismo e deslumbramento das pessoas presentes são retratados e são verbalizados plenos elogios à canção que será apresentada na sequência do concurso. A partir daí, extensos e silenciosos sete segundos de aguardo

---

<sup>5</sup> Entre barras, destacamos os “tópicos semantizadores”, pontos centrais da construção de sentidos.





entre o anúncio do apresentador e o início da música ajudam na /Recomposição/ de uma cena de menor rigor no controle do tempo de televisionamento do espetáculo, hoje tão fugaz e dinâmico.

Com atraente sonoridade tropical, em cena, casais dançam aleatoriamente até o momento em que surge no palco um casal com perucas metade brancas e metade pretas – característica de referência à artista australiana Sia –, trazendo um tom divertido ao concurso, uma vez que os passos de dança desse casal são atípicos para a época de ambientação, mais irreverentes e arrojados. Tal aclimatação está em íntima harmonização e cabal engendramento com o texto verbal da canção, que alude à preparação para a diversão proporcionada pelo momento da dança, pelo sentimento da música e pela completude trazida por essas sensações, independentemente de outros obstáculos e dificuldades impostos pela própria realidade.

A espécie de brincadeira com a mecanização que, hoje, percebemos na dança dos anos 1960 propõe uma dupla interpretação: por um lado, vê-se a /Dicotomia entre passado e presente/, em que os dois momentos colocam-se como absolutamente diferenciáveis; por outro lado, a /Interface de temporalidades diferentes/ ressalta a universalidade da música – especialmente a da artista Sia – e sua capacidade de envolver as pessoas. Definitivamente, como afirma Jankélévitch (1974, p. 346) – que, aliás, já citamos neste estudo –, a nostalgia caracteriza-se por ser, “[...] ao mesmo tempo aqui e lá, nem aqui nem lá, presente e ausente”.

Ainda que a presença de elementos do presente, como os dançarinos com perucas brancas e pretas, em outra temporalidade represente que a canção seja capaz de romper a /Linearidade do tempo/, o /Reuso/ desse passado enfatiza a /Presença constante da saudade/ no imaginário popular, especialmente se considerarmos que *Cheap Thrills* não é somente o título atribuído à canção de Sia, mas também, e primeiramente, o segundo álbum da banda *Big Brother and the Holding Company*, lançado em 1968, último álbum de Janis Joplin como vocalista dessa banda. O videoclipe torna-se, então, uma /Saudação/, uma /Reverência/ a uma época marcante, a qual literalmente, por meio do filme, tenta-se /Vivenciar novamente/.





Em última instância, damos destaque, no plano imagético, à utilização do /Preto e branco/ como forma cromática da saudade e da nostalgia: na situação comunicativa específica em que é veiculado o videoclipe, essa é uma forma que converge decisivamente para a eficácia do processo comunicativo (COPE; KALANTZIS, 2008). O emprego da cromatização em preto e branco (ou escala de cinza) também merece destaque em várias postagens em redes sociais, atualmente, como referência ao passado. Seleccionamos, para compor nosso *corpora*, aleatoriamente, uma dessas postagens, representada por meio da Figura 2, reproduzida a seguir.

**Figura 2.** Captura de tela – Aplicativo de Rede Social Instagram para *smartphone*<sup>6</sup>



**Fonte:** Instagram (2017)

<sup>6</sup> Propositadamente, omitimos, na captura de tela, o nome do usuário da rede social. A imagem que nos serve para análise foi localizada e selecionada para o presente estudo utilizando, no campo “Busca” da rede social Instagram, a *hashtag* “nostalgia” (#nostalgia). *Hashtags* são palavras, ou um conjunto delas, antecedidas do sinal cerquilha (#) que, em redes sociais, transformam-se em *links* dentro da *web*, facilitando a busca de tópicos de discussão e agrupando informações. Clicando em alguma *hashtag*, o usuário tem acesso a toda discussão gerada e informações reunidas com o mesmo assunto, indexadas no momento da postagem.





Como gênero recorrente e altamente presente na alta modernidade, as postagens em redes sociais representam, indiscutivelmente, novas formas de dizer, de mobilizar discursos e promover a comunicação. Nessas situações específicas de uso da linguagem, conteúdo, construção composicional e estilo são aspectos característicos que dão forma aos enunciados e permitem a interação (BAKHTIN, 2011) e a multiplicidade semiótica (LEMKE, 2010) corroborada de maneira decisiva para sua materialização textual. A esfera pontual de atividade também permite-se flexibilizar para a manifestação de variados sentimentos, inclusive saudade e nostalgia, que ora nos dispusemos a analisar.

Ainda que a utilização da hashtag “nostalgia” (#nostalgia) tenha permitido a localização, leitura e encontro com o texto em questão, não somente esse recurso verbal (pelo menos não isoladamente) permite a relação da postagem com as ideias centrais que analisamos. É a associação do índice de texto verbal com os demais elementos da postagem que permitem a /Mobilização do já vivido/ pelo viés da saudade.

A imagem postada é uma maneira de citar diretamente o passado: em 1990, o filme “Esqueceram de mim” foi sucesso de bilheteria, alcançando enorme público e conferindo ao então menino Macaulay Culkin, protagonista da produção cinematográfica, fama mundial. A relação entre a imagem da personagem e o enredo é praticamente automática para a audiência que teve contato com o filme. Para retomar esse enredo, de maneira absolutamente breve: trata-se de um menino de oito anos que é esquecido em casa pela família durante as férias, no Natal; Kevin McCallister (personagem de Macaulay Culkin) vê-se obrigado a tornar-se, de uma hora para outra, o responsável pela casa. Desajeitado e tímido, ele procura resolver todos os problemas que surgem, enfrentado, inclusive, os ladrões que entram em sua casa. A comédia leve e envolvente marcou de forma tão profunda a época e o público que, passados vinte e sete anos, ainda é referência. O usuário do Instagram, por meio de sua postagem, exprime seus desejos de final de ano à moda do personagem do filme: “Feliz Natal, animal imundo” (em tradução nossa), fala cômica, irônica e, hoje, icônica da personagem principal dirigida a um dos ladrões que invadem seu lar. Tal /Remissão/ coloca em total





sintonia os planos verbal e imagético (o personagem e sua fala) na harmonização semiótica para construção do gênero postagem em rede social.

O interessante, aqui, é observarmos como o signo complexo representado na Figura 2 remete ao passado, nostalgicamente. O agora, como centro discursivo, tem o /Passado como referência substitutiva do dizer/. O /Resgate/, no presente, daquilo que marcou o vivido e ainda faz parte de sensações e vivências é uma concreta /Recorrência à memória/ e a postagem converte-se em um renascer, uma tentativa de reviver, /Dizer de novo/ tudo que já significou, agora com outros valores, carregados de marcas deixadas pela própria história. Mesmo encerrado, o passado ainda é reportado como parâmetro de menção. Assim como na Figura 1, o preto e branco na construção do gênero multimodal postagem em rede social (Figura 2) torna-se elemento fundante do /Reaproveitamento/ de experiências de outra época. Essa mesma dinâmica é perceptível na capa de revista apresentada na Figura 3.

**Figura 3.** Capa da Revista Veja, Edição 2554, de 1º de novembro de 2017



**Fonte:** Veja (2017)

Revista Diálogos - RevDia

Edição comemorativa pelo Qualis B2, v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018



Diálogos

192







Comunicar especificamente por meio de uma capa de revista exige a mobilização de sofisticados recursos não apenas intersemióticos, mas também de alusão a um prisma da realidade que pode ser atrativo ao público pretendido, ao leitor em potencial. A Revista Veja, talvez até mesmo por sua periodicidade semanal, chama a atenção de seus leitores, em suas chamadas de capa, para tópicos temáticos atuais e de destaque dos dias anteriores à publicação de cada edição (física ou digital). O recurso de que se lança mão na Edição 2554, de 1º de novembro de 2017, surpreende (por isso sua escolha para análise) e, dentro dos balizamentos recém-citados, traz uma imagem em preto e branco, explicitamente em /Reaproveitamento/ de publicação de tempos passados; a própria legenda da imagem de capa, no desenvolvimento da reportagem, esclarece que se trata de um anúncio de uma companhia elétrica da década de 1960, vislumbrando a chegada do carro autônomo. Não se trata, entretanto, apenas de uma inocente reutilização: o que se reaproveita é o dizer, a promessa de esperança do passado, que, depois de meio século, ainda não teve efetivação.

Nesse sentido, a /Renovação do passado/ torna-se clara e pertinente possibilidade do dizer atualizado em campo determinado de comunicação. Se, na capa de revista em análise, a ambientação com carros típicos dos anos 60, as feições, os penteados, as vestimentas, a postura e ações das pessoas retratadas remetem a um balizamento referencial de realidade hoje absolutamente incompatível com novas vivências, a /Revalidação para um novo real/ consolida-se com legitimidade e autenticidade, uma vez que os elementos listados estão a serviço de um discurso que somente significa em correferência com o próprio passado.

Inaugura-se, desse modo, uma inédita categoria de /Consumo da memória/, em que, além de mobilizar-se o presente, coloca-se em cena passado e futuro. Assim, a /Consciência da finitude/, como alertaria Lourenço (1999a), a um tempo, viabiliza e estimula a /Reaplicação/ do já visto, a /Reinvenção/ do já sentido, e a /Revalorização/ do já experimentado.

Independentemente do gênero que dá materialidade ao dizer, seja ele um videoclipe musical, uma postagem em rede social ou uma capa de





revista, é inevitável – e nem desejar-se-ia o contrário – a mobilização das sensações em espaço aberto pela memória.

Estamos cientes de que as considerações aqui expostas representam apenas uma dentre as produtivas possibilidades de construção de sentidos da multimodalidade discursiva: resgatar os pontos principais da semantização de gêneros requer a observação atenta e a leitura colaborativa, em uma efetiva dinâmica de troca e interação. Assim, como forma de sistematização, apresentamos o Quadro 1, que aglutina os pontos nevrálgicos do resgate de sentidos do *corpora* e permite sua apreensão global.

**Quadro 1.** Tópicos semantizadores do *corpora*, gêneros multimodais baseados no preto e branco como forma cromática alusiva à saudade e à nostalgia

Critérios metodológicos empregados	Tópicos Semantizadores	
Associações intersemióticas  Referências à memória  Forma cromática  Esfera de comunicação	/Engendramento semiótico/ /Harmonizações de planos de sentido variados/ /Deslocamento temporal/ /Reconstrução/ /Ambientação/ /Reutilização/ /Recomposição/ /Dicotomia entre passado e presente/ /Interface de temporalidades diferentes/ /Linearidade do tempo/ /Reuso/ /Presença constante da saudade/ /Saudação/ /Reverência/ /Vivenciar novamente/	/Preto e branco/ /Mobilização do já vivido/ /Remissão/ /Passado como referência substitutiva do dizer/ /Resgate/ /Recorrência à memória/ /Dizer de novo/ /Reaproveitamento/ /Renovação do passado/ /Revalidação para um novo real/ /Consumo da memória/ /Consciência da finitude/ /Reaplicação/ /Reinvenção/ /Revalorização/.

**Fonte:** Elaborado pelos autores

A competência discursiva que permite a mobilização de suficientes recursos para resgate dos tópicos recém-citados perpassa, obrigatoriamente, uma leitura global dos gêneros do *corpora*, e, estamos convictos, de qualquer materialidade discursiva que envolva os sofisticados engendramentos intersemióticos. A construção de sentidos não depende exclusivamente de percepções subjetivas, mas de sugestões e roteiros de





leitura propostos pelas próprias circunstâncias de viabilização do gênero em análise e das permissões de balizamento referencial dadas pela concretude linguístico-discursiva. A um tempo, a alta modernidade estimula e exige processos comunicacionais plurais, no que tange às intersemioses e às harmonizações de planos de sentidos. A vida, a realidade, a linguagem, os discursos são múltiplos, e, acompanhando esse movimento, o leitor intensa e permanentemente envolvido em processos discursivos também deve ser.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização de recursos da memória, pudemos perceber, envolve processos não apenas complexos e sofisticados, mas especialmente mecanismos de discursivização particularmente sofisticados, como é o caso das formas cromáticas em preto e branco. Dentre tais mecanismos, ganham destaque os engendramentos de semioses, planos sígnicos diversificados e multiplicados na harmonização de sentidos projetados.

Neste breve estudo, orientamo-nos pelo princípio de que as associações de sentidos nos gêneros multimodais, a partir de variados planos de sentido, promovem múltiplos sentidos, inclusive quando se trata de motes melindrosos e pormenorizados, como no caso do envolvimento da memória na construção das noções de saudade e de nostalgia. Identificamos, a partir de nossa premissa, como esses elementos permitem-se semantizar na concretude discursiva intersemiótica tendo o preto e branco como forma cromática fundante dessa construção.

A partir desses resultados, que consideramos satisfatórios para um estudo dessa extensão, permitimo-nos lograr – além das inspirações para próximos empreendimentos de análise – específicas três inferências. A primeira delas está vinculada ao caminho que percorremos neste estudo, abordando com ênfase um dos elementos da discursivização da memória humana: essa trajetória demonstra que aludir a sentimentos, sensações e percepções subjetivas é uma dinâmica complexa que representa a real





preservação do que já se viveu e converte-se em referência vívida e decisiva para o presente, merecendo revalorização, reemprego, rediscursivização.

Nossa segunda inferência surge da percepção de que é cada vez mais evidente a necessidade de emprego de procedimentos metodológicos eficazes na análise científica de *corpus* para a produção de conhecimentos. Nesse sentido, os Tópicos Semantizadores que temos utilizado como instrumento epistemológico demonstram, a cada nova aplicação, sua efetiva produtividade no resgate de sentidos globais de textos intersemióticos, viabilizando a semantização de gêneros de natureza multimodal: os tópicos semantizadores são uma real possibilidade para contemplação dos sentidos desses novos gêneros, práticas e procedimentos discursivos.

E, por fim, nossa terceira inferência, que é uma decorrência direta da anterior: ainda que a ênfase, neste artigo, tenha sido dada à forma cromática na materialização do gênero – em que o uso do preto e branco demonstrou-se refinado e pertinente mecanismo sígnico de atribuição de significado, sentido e valor ao texto –, a apreensão da multimodalidade discursiva somente se dá no reconhecimento do sentido a partir das associações de planos de sentido e dos engendramentos semióticos mobilizados no uso interativo da linguagem em determinadas situações específicas de comunicação.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1991.

CHEAP THRILLS – Videoclipe musical. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nYh-n7EOtMA>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Introduction: the beginnings of an idea. In: \_\_\_\_\_. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. p. 03-08.

HOSOKAWA, S. **Por um bom viajante nostálgico**. Campinas: Imagem, 1994.





INSTAGRAM – Publicação em rede social. Disponível em: <<https://www.instagram.com/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

JANKÉLEVITCH, V. **L'irreversible et la nostalgie**. Paris: Flammarion, 1974.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, jul./dez. 2010, p. 455-479. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LOURENÇO, E. Da saudade como melancolia feliz. In: \_\_\_\_\_. **Mitologia da saudade**: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 31-34.

LOURENÇO, E. Tempo Português. In: \_\_\_\_\_. **Mitologia da saudade**: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 9-15.

OLDONI, C. **Textos e imagens em cena**: o sentido nos gêneros multimodais. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

REVISTA VEJA, São Paulo, SP: Editora Abril, ed. 2554, ano 50, n. 44, 1º nov. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/uma-mudanca-radical-o-carro-sem-motorista/>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

